

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do “Dia do Brasil”

Estocolmo-Suécia, 12 de setembro de 2007

Quero cumprimentar o rei Carlos XVI Gustavo,

Cumprimentar o senhor Carl Bildt, ministro dos Negócios Estrangeiros da Suécia,

Cumprimentar os ministros brasileiros que me acompanham nesta viagem: ministro Celso Amorim; ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o embaixador brasileiro na Suécia e a embaixadora da Suécia no Brasil,

Quero cumprimentar o senhor Uf Berger, presidente do Conselho de Exportação da Suécia,

Quero cumprimentar os amigos brasileiros e os amigos suecos,

Empresários e empresárias que estão participando deste “Dia do Brasil”,

É para mim uma satisfação especial juntar-me ao rei Carlos XVI Gustavo na abertura oficial do “Dia do Brasil”. Quero agradecer aos organizadores deste importante evento de promoção do diálogo entre governo e setor privado.

O “Dia do Brasil” representa excelente ocasião para nossos empresários explorarem as oportunidades de negócios que a tradicional pujança do intercâmbio entre a Suécia e o Brasil oferece. Temos hoje o desafio de dar um novo impulso a relações econômicas consolidadas.

A primeira linha de navegação direta entre Gotemburgo e os portos brasileiros data de 1908. Em 1915, a indústria química AGA se instalou no Brasil, seguida pela Ericsson, em 1924, e pela Electrolux, em 1926. A presença em território brasileiro dessas empresas suecas iniciou uma parceria que já dura quase um século.

Hoje, são mais de 180 empresas, empregando mais de 40 mil brasileiros e atestando a solidez da presença da Suécia no Brasil. Quase todas as

grandes empresas suecas com expressão internacional estão instaladas no Brasil, gerando renda e empregos.

Não surpreende que São Paulo seja a maior cidade industrial da Suécia. Os 400 milhões de dólares de investimentos suecos no Brasil, nos últimos cinco anos, permitirão à cidade continuar a ostentar esse título.

Nossa corrente de comércio se aproximou dos 1,5 bilhão de dólares em 2006, e este ano deverá ultrapassar os 2 bilhões de dólares.

Mas ainda há muito por fazer. É justamente essa a missão de vocês, empresários, que hoje se reúnem no “Dia do Brasil”.

O Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, que lancei em janeiro, apresenta um conjunto de oportunidades para investimentos, sobretudo no setor de infra-estrutura. São obras que abrirão novas portas para os negócios no mercado brasileiro e que facilitarão as relações do Brasil com o mundo.

Vamos alocar 252 bilhões de dólares até 2010 para projetos de desenvolvimento. Boa parte será concentrada em transportes, energia e na área social, em obras de urbanização de favelas e saneamento básico.

Durante este Seminário, vocês terão a oportunidade de conhecer melhor o PAC, em apresentações de membros da minha comitiva.

A construção de uma infra-estrutura moderna é igualmente prioridade para o processo de integração da América do Sul, onde capitais e tecnologia suecos serão bem-vindos, ao lado das empresas brasileiras.

As multinacionais brasileiras também estão ganhando espaço na Europa, atuando como ponta-de-lança de uma economia que vem ganhando competitividade e projeção internacional.

A inovação foi sempre a marca da parceria entre Suécia e Brasil. Foi assim com a instalação, pela Ericsson, do primeiro telefone no nosso País, em 1891. Contamos com os empresários suecos para fazer avançar uma nova revolução, a dos biocombustíveis.

Estou seguro de que a histórica preocupação da Suécia com a preservação do meio ambiente a levará a engajar-se nessa campanha em favor de fontes alternativas de energia renovável, limpa e eficiente.

Como terei ocasião de explicar durante o seminário sobre bioenergia, o programa brasileiro de substituição do petróleo pelo álcool abre novos

horizontes. Demonstra que é possível vencer o desafio de encontrar soluções viáveis para as questões da segurança energética e da sustentabilidade ambiental e social.

Temos margem para crescer, sem prejudicar a produção de alimentos e sem comprometer nossas florestas. Foi o ministro Sten Tolgfors que recentemente lembrou que a Europa necessitaria de uma área três vezes superior à usada no Brasil para produzir a mesma quantidade de álcool carburante.

A Suécia também tem buscado alternativas para substituir os combustíveis fósseis. A experiência sueca no uso da biomassa ou o etanol produzido a partir da celulose a coloca em posição pioneira no uso de combustíveis alternativos.

Foi assim, com grande satisfação, que assinamos ontem o Memorando de Entendimento sobre cooperação em energias renováveis. Estão dadas todas as condições para que empresas suecas e brasileiras juntem-se no desenvolvimento e pesquisa desse próximo passo na revolução energética. No Brasil, já estamos desenvolvendo o primeiro “carro verde”, onde todas as peças de plástico serão derivadas do etanol e não mais do petróleo.

Mas o comércio internacional de biocombustíveis ainda enfrenta barreiras injustificáveis, que prejudicam tanto produtores eficientes quanto consumidores.

Embora os custos de produzir etanol no Brasil sejam quase a metade dos europeus, a União Europeia impõe ao etanol brasileiro tarifas que podem alcançar 55%. Em contraste, no caso do petróleo não passa dos 5%. Será impossível expandir significativamente o mercado para biocombustíveis na União Europeia enquanto persistirem políticas protecionistas.

Tampouco será possível eliminar os extremos de pobreza e de fome em muitos países pobres sem rever práticas que distorcem o comércio internacional, sobretudo em agricultura, em prejuízo de quem é mais competitivo.

Para que esta seja efetivamente uma Rodada para o Desenvolvimento, é preciso reduzir todas as formas de subsídios e barreiras agrícolas que encarecem os alimentos e desestimulam sua produção nos países pobres.

Não podemos privilegiar a liberalização dos setores de maior interesse dos países altamente industrializados, como aconteceu em rodadas anteriores. É o momento de igualarmos as regras aplicáveis ao comércio de produtos agrícolas àsquelas que incidem sobre o comércio de bens industriais.

Uma conclusão satisfatória para a Rodada Doha, na OMC, é inadiável. Não podemos colocar em risco o conjunto do sistema multilateral de comércio, com prejuízos sobretudo para os países mais pobres.

Atribuo também caráter estratégico às negociações relativas ao Acordo de Associação União Européia-Mercosul. O Brasil e seus parceiros do Mercosul estão preparados para trabalhar com afinco e flexibilidade, com esse objetivo. Sei que contamos com o apoio da Suécia nessa empreitada.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil está colhendo os frutos de uma política econômica que abre caminho para um novo ciclo de crescimento sustentável. Temos, hoje, uma combinação virtuosa de crescimento consistente, inflação baixa e incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa.

Isto permitiu ampliação forte do mercado interno, lastreada na expansão do emprego e da renda dos trabalhadores. Reduzimos a pobreza e as desigualdades sociais, graças ao combate à inflação, que hoje está abaixo dos 4%.

A melhor distribuição de renda e maior acesso ao crédito estão transformando milhões de brasileiros, antes excluídos do mercado, em consumidores e cidadãos plenos.

Fizemos o dever de casa e, como resultado, as taxas de juros estão nos seus níveis mais baixos nos últimos 10 anos e continuam a cair. A expansão do PIB, no primeiro trimestre de 2007, superou as expectativas. A partir de 2008, contamos com um crescimento econômico de 5% ou mais, sem pressões inflacionárias.

O aumento dos negócios entre o Brasil e a Suécia é componente importante da consolidação deste novo ciclo de nossa economia.

Por isso, quero convidar a Suécia, com sua conhecida competência nos setores de infra-estrutura e energia, a participar do nosso programa de

investimentos. Este é o momento de alargar nossos horizontes e fortalecer nossas relações.

Em julho passado, tive o prazer e a emoção de voltar à fábrica da Scania para celebrar os 50 anos de atividades da empresa no Brasil.

Desejo que este “Dia do Brasil” represente o início de uma etapa ainda mais promissora para nossos países. Convido os senhores empresários a apostar numa relação com muita história, mas também de grande futuro.

Meus amigos e minhas amigas,

Trinta segundos de paciência para uma coisa importante. O Brasil, que muitos de vocês conhecem, passou quase três décadas em situação econômica difícil, em decréscimo na sua economia ou, quando crescia, era um crescimento muito baixo. Chegamos a ter inflação de 80% ao mês, tivemos um desemprego sem precedentes nos últimos 20 anos. Depois de muito sacrifício o Brasil está se recuperando, e está se recuperando de forma sólida, madura, consistente, e queremos que esse desenvolvimento consistente e esse crescimento sustentável seja repartido com todos. Quando falo “repartido com todos”, isso significa continuar fazendo política de distribuição de renda no Brasil, significa fortalecer investimentos em políticas sociais, a partir da educação, e significa, sobretudo, não permitir que a inflação volte a ser a razão pela qual alguns poucos ganham muito dinheiro e outros muitos devem dinheiro. A inflação controlada é o maior ganho para o País e para as camadas mais pobres da população, sobretudo, para aqueles que vivem de salário.

Portanto, estejam certos de que nós temos mais 3 anos e meio de governo e nesses 3 anos e meio nós vamos dar continuidade a essa concertação que está elevando o País a patamares de alta respeitabilidade no mundo. Eu digo sempre que respeito é bom, a gente gosta de dar e a gente gosta de receber. Você só pode ser respeitado se você tiver exemplos e o Brasil, durante muito tempo, falava o que não fazia e fazia o que não falava. Nós queremos falar a mesma linguagem com a luz do dia ou com a luz das estrelas. E queremos dizer a vocês, empresários suecos, que se vocês acreditaram no Brasil em momentos de adversidade, não há por que não continuar acreditando no Brasil nesse momento extraordinário, em que o Brasil se descobriu definitivamente enquanto nação que tem um projeto, um projeto de soberania, mas, sobretudo um projeto de desenvolvimento para que o Brasil

se transforme numa potência econômica no século XXI. Que vocês discutam com os empresários brasileiros a questão dos biocombustíveis, porque essa é uma revolução que virá com uma força tão extraordinária que o mundo, independentemente do Brasil ou da Suécia, terá que se curvar às necessidades das mudanças da matriz energética.

Às vezes eu fico preocupado quando falo, porque as pessoas podem pensar: “bom, o presidente Lula está falando porque não tem petróleo”. Temos petróleo, somos auto-suficientes, e temos uma das empresas mais modernas do mundo, que não perde para nenhuma outra em fazer prospecção em águas profundas. Se tiver águas profundas aqui na Suécia, convidem-nos, que nós seremos parceiros. Mas, por que essa loucura pelos biocombustíveis? Eu vou terminar dizendo isso. Quantos países do mundo têm dinheiro para investir na pesquisa em petróleo? Quantos países do mundo têm tecnologia para fazer prospecção de petróleo? Quantos países do mundo têm tecnologia para fazer uma plataforma ou para comprar uma plataforma feita? Uma plataforma de 200 mil barris/dia deve custar por volta de 2 bilhões de dólares. Quantos países podem? Quantos empregos gera uma plataforma que custa 2 bilhões de dólares? Sete mil empregos diretos ou indiretos? Pois bem, esse é o mundo do petróleo, um mundo sofisticado, com poucas empresas e com extraordinária rentabilidade, e com a Opep ainda para controlar o preço. Só podem participar os países exportadores, o Brasil ainda não participa da Opep, por enquanto.

Agora, imaginem o biodiesel, não olhando o mundo europeu, porque o mundo europeu está tão arrumado, as coisas estão tão certas que é bom não mexer muito. Mas tem uma parte do mundo que ainda precisa se arrumar.

Então, imaginem a política dos biocombustíveis olhando o continente africano, olhando a América Latina, e vejam que nós poderemos produzir parte da energia que nós precisamos sem precisar fazer um furo de 6 mil metros de profundidade, mas fazer apenas um buraco de 20 centímetros, que pode ser feito por uma máquina, mas pode ser feito por um analfabeto, sem nenhum conhecimento tecnológico. E depois de 4 meses, depois de 18 meses, depois de 5 anos, dependendo da oleaginosa, ele pode tirar o seu petróleo, o seu combustível, plantar com a mão e colher com a mão. Parece um sonho, mas é um sonho capaz de permitir que os países desenvolvidos construam parcerias com os países em desenvolvimento e com os países mais pobres para a gente

fazer a revolução energética que precisa ser feita. E, certamente, a Suécia não ficará de costas para essa revolução.

A Suécia já utiliza etanol, ontem eu fiquei sabendo que tem até incentivo, os carros que usam etanol não pagam estacionamento. Espero que os consumidores brasileiros não saibam disso, porque senão as prefeituras vão à falência. Mas é uma coisa extraordinária o compromisso de fazer, o compromisso público assumido pelo primeiro-ministro sueco, de reduzir as tarifas de importação de etanol do Brasil para facilitar ou para forçar a União Européia a reduzir. Nós não queremos apenas vender, nós queremos construir juntos essa revolução que o Brasil começou 30 anos atrás, que tem tecnologia, e queremos reparti-la com os nossos parceiros suecos.

Muito obrigado.